

BOLÍVAR: UM SONHO DE LIBERDADE E UM LABIRINTO CONSTRUÍDO

Yvone Dias Avelino
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0001-6786-0572>

Arlete Assumpção Monteiro
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0001-7322-1304>

«A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar»
Walter Benjamin, 1994.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta está centrada na interdisciplinaridade, sobretudo na análise da fonte literária para os estudos históricos. A historiografia tem dado grandes contribuições ao debruçar-se sobre as lutas de independência na América Latina. Um grande continente, uma longa temporalidade, condições climáticas desfavoráveis, intrigas, grupos políticos partidários e a questão do poder já foram traçadas de forma documentada, ilustrada e com grande capacidade por historiadores nacionais e internacionais. Então, pensamos na literatura, por sua originalidade o livro de Gabriel García Márquez *O General em seu Labirinto*.

A NARRATIVA SOBRE O «HERÓI»

Os primeiros movimentos revolucionários na América espanhola foram contra a limitação imposta pela metrópole. Inicialmente foram movimentos para quebrar as amarras que dificultavam o desenvolvimento econômico e não para o desligamento total.

A administração espanhola na América e a imposição de governos despóticos aceleraram a velocidade do movimento. A influência francesa manifestou-se nesse contexto de descontentamento e as ideias se propagaram entre a elite crioula. Liberalismo econômico, liberdade política, legitimidade popular, luta contra o colonialismo é o quadro em que vamos analisar especificamente Simão Bolívar sob o olhar da literatura. Aceitamos o desafio de usar a literatura como fonte e o Nobel latino-americano que realizou o labor de historiador analisando as muitas cartas escritas pelo «herói da independência» no seu caminho para a morte, traçando seu desalento, suas decepções, as suas dores e seu gênio irascível.

Simão Bolívar nasceu em Caracas, Venezuela a 24 de julho de 1783, sua família era das mais ricas da região, proprietária de várias fazendas e de mineradoras. Bolívar era, portanto, um representante da elite crioula. Tendo ficado órfão muito cedo, foi criado pelo tio e enviado à Europa para estudar, prática quase obrigatória aos filhos da aristocracia. Chegou à Espanha em 1799 e viajou por muitos países europeus; em Madri Bolívar conheceu Maria Teresa Josefa Antonia Joaquina Rodríguez del Toro Alayza, espanhola filha de *criollos*¹ venezuelanos. Casaram-se em maio de 1802, em Madri. Decidiram residir numa das propriedades dos Bolívar em Caracas, Venezuela. O casamento durou pouco, María Teresa morreu em 1802 de febre amarela². Bolívar ficou desesperado. Viúvo, decidiu voltar à Europa para aprofundar seus conhecimentos e ampliar contatos com figuras representativas do mundo científico europeu como Alexander von Humboldt³ e o físico Bonpland⁴ –este contato de Bolívar com os cientistas ocorreu em plena coroação de

¹ Termo para designar os descendentes de espanhóis nascidos na América Espanhola.

² Doença que ocorre na América do Sul e Central e algumas regiões da África; transmitida por um vírus, ocasionada pela picada do mosquito infectado.

³ Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt (Berlín, 1769 - Berlín 1859). Geógrafo e naturalista no período de 1799 e 1804 realizou uma viagem à América do Sul.

⁴ Aimé Jacques Alexandre Bonpland (1773-1858). Físico e naturalista. Em julho de 1799, Bonpland e Humboldt aportam na Nova Granada, hoje Venezuela, para numa expedição exploratório que durou quatro meses na região do rio Orinoco ou Orenoco, importante rio da Venezuela e da Colômbia.

Napoleão Bonaparte, em Paris—. Nessa época, a Europa encontrava-se em plena ebulição política; Bolívar frequentava teatros, salões, cursos, conferências e dedicou-se à leitura, principalmente os clássicos da economia e outras obras que lhe despertaram interesse. Sua biblioteca continha obras de John Locke, Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, além de clássicos da antiguidade como filósofos, poetas, historiadores e clássicos modernos da França, Alemanha, Itália e grande parte do Reino Unido. Pode-se dizer que três são os elementos formadores da personalidade cultural de Bolívar: os mestres, as viagens e as leituras.

O sonho de Bolívar de realizar na América a construção de uma grande nação, sob a égide da liberdade, é onde começa o Libertador a tecer o seu próprio labirinto, no qual posteriormente vai se perder, tal como indica o título da obra de Gabriel García Márquez. Ao pensar um só país livre, do México ao Cabo Horn, pensava num mundo novo, que servisse de exemplo inspirador para outras terras, e outros homens, como a Ásia e a África. Nessa tarefa, a liberdade era a princípio o dom de tudo conseguir, sendo capaz de recriar um homem novo alimentado por uma esperança de um mundo exemplar e não viciado, como a velha Europa. Na visão de Bolívar, conquistada a liberdade, os demais problemas iriam se resolver naturalmente.

Tal sonho mais parecia uma missão a ser cumprida, de um destino pré-estabelecido para a América, e que vai orientar todas as suas atitudes políticas, até as últimas consequências, razão pela qual vai governar de forma excessivamente centralizada, não tanto porque almejasse o poder, mas por estar certo de que esse era o papel que devia desempenhar.

Bolívar viveu a América sempre através da sua idealização e não pôde compreendê-la na complexidade de seus problemas, na intrincada herança de suas estruturas coloniais, apenas viu homens lutando por ambições pessoais, em detrimento de valores maiores. Ele acreditava que os ideais a tudo sobrepujavam, e quando isso não ocorreu, sentiu-se traído. Os homens, agentes da história, eram responsáveis por essa traição, na medida que não foram capazes de se transformarem e transformarem o mundo em que viviam, a partir do seu novo Estado: o de liberdade. Traidores, selvagens, bárbaros, impermeáveis às novas ideias, ambiciosos e aventureiros, difícil julgá-los. Francisco Pividal, artista, na sua sensibilidade aguçada, coloca-lhe na boca na no final de sua vida as seguintes palavras: «Mais valia um bom acordo do que mil processos ganhos, não nos termos compostos por Santander, que foi o que nos perdeu a todos» (Pividal, 1983).

Bolívar pensava a América em termos absolutos: da glória universal à desgraça eterna. Em 1822, dizia: «Esta união criará um colossal campeão de liberdade [...] quem resistirá à América, reunida de coração, submissa a uma lei, e guiada pela tocha da liberdade?» (Salcedo-Bastardo, 1976).

Segundo Prado (1981), o desencanto e o ressentimento de Bolívar deixaram uma herança responsável por alguns preconceitos vigentes até o presente na história da América, especialmente nas análises feitas sobre as décadas posteriores à independência política, e particularmente, sobre o Caudilhismo. A anarquia, a desordem, a turbulência, o tropel das hordas selvagens que cruzam o solo americano são o produto da ambição pessoal, do egoísmo e da irresponsabilidade dos caudilhos, e em última instância, isso se explica pelo caráter latino-americano.

Não se leva em conta que aqui na América, ao contrário da Europa, o Estado se constituiu sem um fundamento objetivo de unidade nacional e sem um mercado interno de envergadura. A atomização de interesses econômicos é típica de uma formação social pré-capitalista e se traduz na falta de coesão em seu conjunto e na «desorganização» política em particular. Consequentemente ocorre o florescimento dos localismos; portanto, os caudilhos.

A LITERATURA COMO FONTE: A TRANSDISCIPLINARIDADE

Reafirmando, conforme citado anteriormente este artigo estabelece reflexões sobre a associação da história com a literatura, ou seja, utilizá-la como fonte para o historiador.

A historiografia apela à literatura hoje, como mais um registro do real, um instrumento para sua apreensão, ou ainda como sua metáfora epistemológica. O historiador não pode encarar a obra literária apenas como veículo de conteúdo, pois, o valor do texto literário não está propriamente na confrontação que dele se pode fazer com a realidade exterior, mas na maneira como esta realidade é abordada, aprofundada, questionada, recriada. Encarar a literatura não como reflexo, mas como refração, como desvio (Eleutério et al., 1992).

Como produção artística que é a literatura, a arte ilustra os valores de uma cultura e não se presta a fornecer a confirmação de um saber que poderia adquirir de outras formas, por exemplo, por uma pesquisa histórica; ela tem princípios e leis diferentes dos da realidade exterior, já

inventariada. Além do mais, o artista está sempre ultrapassando os sistemas de classificação aos quais uma sociedade confirma suas representações provisórias do mundo.

A arte não reproduz a realidade exterior, mas a transforma, exprimindo o que nela está reprimido ou latente. A obra literária eficaz que age sobre seus leitores é aquela que dramatiza as contradições e exacerba-as, leva-as às últimas consequências, ou seja, representa-as, e oferece assim, um princípio de respostas às perguntas ainda não claramente formuladas. Ela libera possibilidades subjacentes a certas situações, joga com essas possibilidades, dá-lhe vida, e assim, tenta explorar as virtudes inerentes a uma época.

As obras literárias que melhor traduzem os movimentos sociais e históricos não são as que retratam de forma escrupulosamente exata os acontecimentos anteriores; são as que exprimem aquilo que falta a um grupo social, e não aquilo que ele possui plenamente. A literatura fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não vingadas (Sevcenko, 1995).

Ocupa-se o historiador, portanto, da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade. Cabe, portanto, ao historiador, captar esse excedente de sentido embutido no romance. O método, para Lacapra (1991), é o de se fazer uma fusão entre o texto e o contexto, ou seja, usar a linguagem para se interpretar contextos, não contexto no sentido positivista, mas como representação de uma experiência histórica. É a tentativa de tentar perceber como se apresentou uma dada realidade.

A história é um caleidoscópio de ações humanas, é um romance verdadeiro, simplifica, seleciona, organiza. Portanto, para Veyne (1995), o que distingue um livro de história de um romance, isto é, a narrativa histórica da narrativa de ficção é que o primeiro tem seu suporte na realidade exterior, que tem existência concreta e autônoma, dispensa, portanto, artifícios discursivos e estéticos para ser valorizado. A história é assim, uma narrativa verídica, cujos acontecimentos submetem-se ao critério de verificabilidade, ao contrário do discurso ficcional, que é uma questão de verossimilhança.

Ainda nessa comparação, podemos afirmar que a história é um discurso que visa a realidade teórica e científica, não ignorando o caráter de relatividade da verdade histórica, e toda subjetividade que comporta a elaboração desse conhecimento, o texto literário tem como objetivo fundamental a produção da realidade estética, o que não exclui que possa ter relações com a realidade objetiva, ou seja, com tudo aquilo que lhe é exterior, e de que certa forma o envolve.

Os romances históricos –que transmitem uma verdade histórica através da verossimilhança novelesca– tem o poder de fazer a carne voltar a ser verbo, sem o verbo perder o gosto, ou a cor, ou o cheiro, ou a forma da carne, imagem que nos parece bastante significativa do poder de recriação da obra literária e das suas relações com a realidade que ela representa (Freyre, 1961).

Assim, a transformação de elementos não-literários em expressão estética é uma outra maneira de olhar o objeto, uma nova forma de relação com o real. Discurso histórico e narrativa literária, formas distintas de narrativas, relacionam-se com a realidade exterior de maneiras diferentes, porém, complementares. Tanto um como o outro, são imagens dessa realidade, que se submetem às exigências do discurso, e podem, portanto, apresentar deformações, fragmentações, ou distorções, formas parciais de conhecimento. A literatura, em tal contexto, aprofunda intuitivamente o conhecimento humano, e a história o analisa cientificamente –formas diferenciadas de expressão da realidade do conhecimento.

O GENERAL PELOS OLHOS DO LITERATO

De acordo com a nossa proposta, na presente reflexão faremos uma análise do fascinante texto de Gabriel García Márquez (2000), *O General em Seu Labirinto*. O autor nasceu em 1928, em Arataca, pequeno e decadente povoado da Colômbia, que em boa parte de sua obra de ficção a disfarça sob o nome de Macondo. Cedo abandonou a casa paterna para ganhar a vida e trabalhou em vários empregos diferentes. Fez seus estudos em Barranquilla e dois anos do curso de Direito em Bogotá, quando publicou seu primeiro conto. Trabalhou como jornalista em *Cartagena*, *Barranquilla* e no *El Espectador*, de Bogotá, onde escreveu grandes reportagens e crítica de cinema, reunidas depois no livro *Entre Amigos*, publicado no Brasil em 1982, pela Editora Record. Sua primeira novela, foi *O Enterro do Diabo*, de 1955, época em que passou a viver praticamente fora de seu país, em viagens profissionais pela Europa.

Em 1961, Gabriel García Márquez publicou um livro de contos, *Os Funerais da Mamãe Grande*, entretanto sua consagração literária, se deu com *Cem Anos de Solidão*, romance que a Editorial Sudamericana publicou pela primeira vez em 1967. A partir desse momento, sua fama

não parou de crescer. Ganhou inúmeros prêmios, entre os quais se destaca o Prêmio Internacional de Novela Rómulo Gallegos, em 1973⁵.

Em 1982, Gabriel García Márquez obteve o reconhecimento mundial ao ser laureado com o Prêmio Nobel de literatura. Sem sombra de dúvida, ali estava um novo caminho para o romance, gênero que muitos julgavam superado e decadente. Gabriel García Márquez provou definitivamente que muito se podia ainda esperar desse gênero como fonte e força de inspiração literária.

Fascinado pela figura histórica do Libertador Simão Bolívar e aconselhado por Álvaro Mutis⁶, García Márquez narra os últimos dias –os menos documentados da vida de Bolívar–. Aqui a literatura supera a historiografia. O encantamento pela narrativa o levou a dedicar o livro ao amigo que lhe deu a ideia de escrevê-lo. *O General em Seu Labirinto* mostra Bolívar em todos seus aspectos: um herói devorado pela febre, consumido pela tuberculose, entregue às práticas de medicina popular e fantástica, evocando em clarões de lucidez e de febre suas lealdades e conquistas, suas infidelidades e fracassos.

O deslumbramento do narrador pela lenta agonia do personagem histórico demonstrou também um deslumbramento pela vida, pelo curso de uma vida que entrelaça fragmentos, diante dos quais não se pode reconstruir o passado da América, mas também o labirinto que, implacável em seu rigor moral, o construtor do grande sonho da nação americana traçou. Como bem aponta o autor da trama, era o fim. O general Simão José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios ia embora para sempre. Tinha arrebatado ao domínio espanhol um império cinco vezes mais vasto que a Europa, comandado vinte anos de guerras para mantê-lo livre e unido e o havia governado com pulso firme até a semana anterior, mas na hora da partida não levava sequer o consolo de acreditarem nele (Márquez, 2000).

A trama encaixa-se na categoria de um realismo fantástico, romance histórico, fictício, porém de estrutura realística, que trata da América Latina após as guerras de independência. Em termos espaciais, a narrativa se passou durante a última viagem do general pelo rio Magdalena partindo de Bogotá, passando por diversas localidades a caminho de Cartagena, com o intuito de embarcar para a Europa.

Esse período é o menos documentado de sua vida, quando só escreveu umas poucas cartas, entre as mais de dez mil que ditou, e já com seu estado de saúde bastante precário.

Do ponto de vista social, a ação é circunscrita ao general e à elite governante, que é um grupo também de generais que compõem o poder.

O plano da narrativa é um discurso na terceira pessoa, onde o autor interfere diretamente, o que retira da obra uma certa objetividade, no sentido de ser uma crônica de época e acrescenta a subjetividade do próprio autor, sua perspectiva; nesse sentido, não é tão diferente do discurso histórico. Gabriel García Márquez vai se utilizar –para compor os diálogos do personagem– de afirmações que ele retira de cartas escritas pelo próprio Bolívar, o que dá, nesse sentido, um tom documental à obra, embora restrito, pois no plano social ignora várias camadas.

O livro inicia-se com o anúncio da partida de Bolívar para viver na Europa e reconstrói a lenta agonia de um homem ainda jovem, que libertou a América, construiu um ideal, granjeou inimigos, lealdades, infidelidades, conquistas e fracassos. Concluída a fase militar do movimento pela emancipação, marcada pela vitória de Ayacucho no Peru⁷, em 1824, onde desapareceu o elemento que aglutinava o movimento. Nesse momento, começou a declinar a estrela de Bolívar. Sua administração centralizada e pretensamente liberal ressentiu-se com essa dissociação, e o general, cujo prestígio pessoal fora tão eficaz frente às situações de tensão e insubordinação durante o período bélico, viu agora sua ação e poder serem continuamente contestados em vários episódios, com a ocorrência de desentendimentos entre ele e antigos e leais companheiros de armas.

Segundo Gabriel García Marques referindo-se ao general «no fim das contas, quem se enganou fui eu. Eles só queriam fazer a independência, que era algo imediato e concreto, e o fizeram bem. Eu, em compensação, me perdi num sonho, procurando o que não existe» (Márquez, 2000: 69). Nessa época, começaram a pipocar os movimentos separatistas na Venezuela, no Equador e na Bolívia, liderados por generais indispostos com o líder Bolívar.

⁵ Prêmio criado em 1 de agosto de 1964 pelo presidente da Venezuela Raul Leoni. É uma homenagem ao escritor e político venezuelano Rómulo Gallegos. A primeira edição se deu em 1967.

⁶ Romancista, poeta e escritor colombiano. Em 2001 recebeu o Prêmio Cervantes, considerado o maior prêmio de língua espanhola.

⁷ Batalha de Ayacucho, liderada pelo exército libertador do General Sucre, ocorreu nos pampas de Ayacucho, Peru. Depois dessa sangrenta batalha ocorreu a independência de outras nações da América do Sul.

Na trama, Gabriel García (2000: 78) aponta: «primeiro, a América era ingovernável para nós; segundo, quem serve a uma revolução para no mar; terceiro, a única coisa que se pode fazer na América é emigrar; quarto, este país cairá infalivelmente nas mãos de multidões desenfreadas, para depois passar a tiranetes de todas as cores e raças».

Desgostoso, o Libertador renunciou à presidência da Colômbia e em maio de 1830, deixou Bogotá, dirigindo-se para o litoral em um exílio voluntário. Buscava também um clima mais satisfatório para o seu preocupante estado de saúde, na expectativa de recuperar-se e seguir viagem para a Europa.

Um homem que fez tremer a terra traçando –glorioso– um ciclo de grandes vitórias, impregnado das doutrinas de Rousseau, Montesquieu e Voltaire, e que dedicou sua vida a «romper a cadeia que nos oprime o poder espanhol». Márquez (2000: 84), fascinado com o seu próprio sonho, acreditava em uma América unificada e livre, agora estava só. Seu diálogo era ou com o médico, ou com um único criado que o acompanhava, Palácios. Não havia um amigo, não havia uma mulher amada, não havia louros, não havia vitórias, caminhava lentamente para a morte, pois não tinha mais uma pátria para se sacrificar.

A saúde de Bolívar estava profundamente minada por vários males, o quê cooperava o seu desencanto pessoal. Na última cena do livro, um padre vem para conversar com ele. Quando este sai, Bolívar reclama da presença do padre para seu médico, e este responde: «O que está demonstrado é que o acerto dos assuntos da consciência cria no doente um estado de ânimo que facilita muito a tarefa do médico». Naquele momento, o general estremece diante de uma revelação, e percebe que a corrida louca entre seus males e seus sonhos chegava naquele instante à meta final. Suspira: «Como vou sair deste labirinto?». E pela primeira vez, viu a verdade.

Examinou o aposento com a clarividência de quem chega ao fim: a última cama emprestada, o móvel lastimável cujo turvo espelho de paciência não o tornaria a refletir, o jarro d'água de porcelana descascada, a toalha e o sabonete para outras mãos, a pressa sem coração do relógio octogonal desenfreado para um encontro inelutável de 17 de dezembro de 1830, a uma hora e sete minutos de sua tarde final (Márquez, 2000).

Morreu Simão Bolívar, aos 47 anos, na localidade de São Pedro Alexandrino, nas proximidades de Santa Marta, Colômbia. A literatura forneceu ao historiador um excedente de sentido, abriu um espaço de interpretação. Ao talhar a figura do general perdido no labirinto de seus sonhos, incapaz de perceber a realidade, envolvido que estava em seus idealismos, o livro de Gabriel García Márquez recriou esse personagem histórico, tecendo assim, uma realidade estetizada. Mas a ficção que se insere numa realidade histórica é de alguma forma representativa dessa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto abre, portanto, caminhos para se compreender ainda melhor essa figura histórica por meio das potencialidades da imaginação e da sensibilidade de seu autor. Através das ações e relações do personagem criadas por Gabriel García Márquez, dispomos de uma variedade de meios para representar os momentos importantes da história da América e explorar as virtudes dos seus agentes num momento significativo do século XIX.

O «herói da independência» morreu, mas deixou uma farta documentação. Pois a escrita sempre ocupou uma parte importante e ampla de seu cotidiano. Explica-se assim, a existência de uma enorme quantidade de documentos e escritos seus, que em razão de seus constantes deslocamentos em virtude dos conflitos, batalhas e guerras estão espalhados por várias áreas regiões geográficas deste vasto continente latino-americano. Cartas, manifestos, proclamações, discursos e artigos veem sendo recolhidos e catalogados por historiadores que, com alguma frequência os divulgam em publicações especializadas. Os mais conhecidos são os manifestos e as cartas sobretudo a «Carta de Jamaica» ou «Carta Profética». Quanto aos documentos o que em geral está sendo publicado são aqueles de caráter político. A Fundação John Boulton divulgou me 12 tomos em Caracas uma relevante contrição: «As Cartas do Libertador». E o Arquivo Geral de Caracas contém toda esta documentação.

Neste artigo poderíamos ter iniciado pelas questões econômico e sociais, pela descrição das guerras e vitórias, por sua relação difícil com San Martín, pelos sofrimentos e pela escrita da constituição, pela organização do poder na América independente, mas não este o propósito aqui. Trabalhamos como delírio do homem Bolívar escrito e detalhado de forma realista e embasado por «Gabo», como era carinhosamente conhecido Gabriel García Márquez.

REFERÊNCIAS

- ARANA, M.: *Bolívar o Libertador da América*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BELLOTO, L. M.; MARTINEZ CORRÊA, A. M. (org.) : *Bolívar*. São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1983.
- CANDIDO, A.: «Dialética da Malandragem». *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1993.
- ELEUTÉRIO, M. L.: «O Bosque Sagrado e o Borrador», *Revista Projeto História* 8/9, 1992.
- FREITAS, M. T.: *A História na Literatura: Princípios de Abordagem*. S.d.
- FREYRE, G.: *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G.: *O General em Seu Labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LACAPRA, D.: «História e Romance», *Revista de História* 2-3, 1991, pp. 107-124.
- PIVIDAL, F.: *Bolívar. Pensamento Precursor do Antiimperialismo*. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- PRADO, M. L.: «América Latina: Tradição e Crítica», *Revista Brasileira de História* 1-2, 1981, pp. 167-174.
- SALCEDO-BASTARDO, J. L.: *Bolívar. Visão e Revisão*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.
- SEVCENKO, N.: *Literatura Como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TREND, J. B.: *Bolívar e a Independência da América Espanhola*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- VEYNE, P.: *Como se Escreve a História*. Brasília: UNB, 1995.